



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
CAMPUS AVANÇADO DE PATU – CAP
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS – DLV
CURSO DE LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

KAILANY KETURY ALVES CARLOS

**A FORÇA DA ANCESTRALIDADE FEMININA: UMA LEITURA DA POLÍTICA DE
VIDA EM *SOLITÁRIA*, DE ELIANA ALVES CRUZ**

**PATU - RN
2025**

KAILANY KETURY ALVES CARLOS

**A FORÇA DA ANCESTRALIDADE FEMININA: UMA LEITURA DA POLÍTICA
DE VIDA EM *SOLITÁRIA*, DE ELIANA ALVES CRUZ**

Artigo apresentado ao Departamento de Letras Vernáculas – DLV, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, Campus Avançado de Patu (CAP), como requisito para a obtenção do título de graduado em Letras, habilitação em Língua Portuguesa.

Linha de pesquisa: Literatura, Memória e Cultura.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Annie Tarsis
Morais Figueiredo

© Todos os direitos estão reservados a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do(a) autor(a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu(a) respectivo(a) autor(a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

Catálogo da Publicação na Fonte. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

A474f Alves Carlos, Kailany Ketury

A força da ancestralidade feminina: uma leitura da política de vida em Solitária, de Eliana Alves Cruz. / Kailany Ketury Alves Carlos. - Patu/RN, 2025.

19p.

Orientador(a): Profa. Dra. Annie Tarsis Morais Figueiredo.

Artigo Científico (Graduação em Letras (Habilitação em Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas)). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Letras (Habilitação em Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas). 2. Ancestralidade. 3. Política de vida. 4. Mabel. 5. Saberes ancestrais. I. Tarsis Morais Figueiredo, Annie. II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

KAILANY KETURY ALVES CARLOS

**A FORÇA DA ANCESTRALIDADE FEMININA: UMA LEITURA DA
POLÍTICA DE VIDA EM *SOLITÁRIA*, DE ELIANA ALVES CRUZ**

Artigo apresentado à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), *Campus* Avançado de Patu (CAP), Departamento de Letras Vernáculas, como requisito obrigatório para a obtenção do título de Licenciatura em Letras Língua Portuguesa.

Aprovada em: 26/11/2025.

Banca Examinadora

Documento assinado digitalmente
 ANNIE TARSIS MORAIS FIGUEIREDO
Data: 28/11/2025 18:40:11-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^a. Dr^a. Annie Tarsis Moraes Figueiredo (Orientadora)
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN

Documento assinado digitalmente
 ALYNE ISABELE DUARTE DA SILVA
Data: 01/12/2025 11:02:30-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^a. Dr^a. Alyne Isabele Duarte da Silva (Examinadora)
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN

Documento assinado digitalmente
 FRANCISCA LAILSA RIBEIRO PINTO
Data: 01/12/2025 10:14:25-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^a. Dr^a. Francisca Lailsa Ribeiro Pinto (Examinadora)
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN

A FORÇA DA ANCESTRALIDADE FEMININA: UMA LEITURA DA POLÍTICA DE VIDA EM *SOLITÁRIA*, DE ELIANA ALVES CRUZ

Kailany Ketury Alves Carlos¹

Annie Tarsis Morais Figueiredo (Orientadora)²

Resumo

Este artigo tem como objetivo analisar a presença e a força da ancestralidade feminina nas personagens Eunice (mãe), Mabel (filha) e D. Codinha (avó), no romance *Solitária* (2022), da autora Eliana Alves Cruz, observando como as relações intergeracionais entre mãe, filha e avó, se configuram como uma política de vida e resistência diante do racismo estrutural presente no contexto da narrativa. Dessa forma, evidenciou-se as estratégias cotidianas de sobrevivência e autonomia das personagens negras. A troca contínua desses saberes ancestrais entre as personagens, revela-se como um fator, que possibilita novos caminhos sociais. Metodologicamente, a pesquisa desenvolveu-se com base em produções bibliográficas de Duarte (2010), Fonseca (2016), Martins (1997), para discutir os conceitos, a cultura e a oralidade na literatura afro-brasileira. A partir de Brait (1985), Candido (1970), Eagleton (2017), discutimos a construção e a relação das personagens no romance. E finalmente, para dialogarmos sobre a valorização dos saberes e práticas ancestrais que buscam combater as raízes coloniais e racistas, são utilizados autores como Simas e Rufino (2020), Sodré (2023). Por fim, concluímos que a pesquisa permitiu uma leitura sensível sobre a luta e resistência constantes das mulheres negras, contribuindo para a Literatura Afro-brasileira como forma de valorizar a dignidade de quem foi invisibilizado pela sociedade colonialista brasileira.

Palavras-chave: Ancestralidade; Política de vida; Mabel; Saberes ancestrais; Eunice.

¹ Graduanda em Letras – Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). E-mail: kailanyketury@alu.uern.br

² Professora Doutora em Letras – Português da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). E-mail: anniefigueiredo@uern.br

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O romance *Solitária* (2022), da autora Eliana Alves Cruz, traz uma história que explora as relações intergeracionais de uma família composta por mulheres pretas e periféricas, que são marcadas pela desigualdade socioeconômica. Juntas, elas moram e trabalham em um apartamento, em um condomínio de luxo. O romance se aprofunda quando as protagonistas, Mabel e Eunice, testemunham um crime ocorrido na casa dos patrões, esse acontecimento as impulsionam a buscarem um caminho para fora da subalternidade da casa dos patrões.

A mensagem central da narrativa reitera que, apesar das violências estruturais, as personagens buscam a liberdade para construir um futuro diferente, em que possam reafirmar suas vidas e sua herança cultural. A obra é dividida em três partes. A primeira, é narrada pela perspectiva de Mabel que ainda é criança. A segunda é narrada por Eunice. Ao fim da narrativa somos apresentados à última e à terceira parte, narrada pelos próprios cômodos do local onde a história se passa.

Dessa forma, o texto possui temas como a memória, o pertencimento e as desigualdades sociais. Traçando a linha ancestral das personagens, a narrativa se constrói a partir das vivências de mulheres das classes desfavorecidas da sociedade, criando uma união entre mãe, filha e avó. Em meio às pesquisas sobre o romance, foi possível observar que as investigações acadêmicas feitas tratam de aspectos fundamentais, como: resistência negra, espaço urbano e representação da mulher negra na sociedade. No entanto, foi viável apontar algumas lacunas que necessitam de aprofundamento, especialmente em relação à análise da narrativa, a representação das relações intergeracionais entre mãe, filha e avó e a política de vida na trama.

Nesse contexto, esta pesquisa tem a finalidade de analisar a construção da força gerada pela ancestralidade feminina, no romance de Eliana Alves Cruz. Aqui, a ancestralidade, além de um legado cultural, também é uma política de vida. A transmissão de saberes e de memórias, como práticas coletivas que são fundamentadas nas experiências ao longo da vida, passadas de geração para geração, permitindo que as mulheres mais velhas ensinem às mais jovens, através de seus relatos de vida, e as formas de resistência diante das desigualdades. Pensando nesses aspectos, o presente estudo, tem como problemática central: como os saberes ancestrais e a política de vida articulam-se no romance *Solitária* (2022)? Mais precisamente: de que modo as relações intergeracionais (avó, mãe e filha) constroem estratégias de resistência às múltiplas formas de violência?

A partir da problematização da subalternidade das personagens femininas negras e da tentativa de apagamento da ancestralidade no âmbito social, esta pesquisa tem o propósito de compreender como os saberes ancestrais e a política de vida sustentam a resistência das personagens negras. Esta questão se mostra relevante pois mulheres negras foram historicamente silenciadas e marginalizadas, e possuem consigo uma herança cultural que pode ser utilizada como uma estratégia de resistência contra as opressões presentes na sociedade brasileira contemporânea.

De tal maneira, percebemos a transmissão intergeracional dos saberes entre as personagens femininas da narrativa, enquanto contribuição para o surgimento de uma rede solidária. Dessa maneira, a ideia para esta pesquisa surgiu da necessidade em aprofundar a discussão sobre a ancestralidade como fundamento das identidades nacionais, mas, sobretudo, para a resistência das mulheres negras. Junto a isso, a urgência em aprofundar o estudo de produções literárias afro-brasileiras.

Partindo disso, esta pesquisa se delineou a partir dos objetivos a seguir: Diante da proposta do recorte temático-analítico e do problema de pesquisa, os questionamentos que seguiram foram: [1] de que maneira a ancestralidade que atravessam avó, mãe e filha, personagens centrais do romance, podem influenciar a construção de uma política de vida na trama? [2] Como a estrutura narrativa de *Solitária* (2022) possibilita que os saberes ancestrais se manifestem como elementos de resistência e como esses saberes contribuem na memória coletiva? Com esses questionamentos, a pesquisa conseguiu seguir um rumo consciente de progressão.

A presente pesquisa é de caráter qualitativo, com enfoque na análise literária do romance *Solitária* (2022), de Eliana Alves Cruz. Utilizando como principal método a análise textual e temática, a fim de identificar e interpretar os elementos que evidenciam a ancestralidade e a política de vida. Com uma abordagem interpretativa e descritiva, este estudo adota, como principal procedimento, a pesquisa bibliográfica. Trata-se de uma investigação que se baseia em obras literárias e teóricas já publicadas, com o objetivo de analisar de que maneira a ancestralidade feminina, enquanto política de vida, é representada na obra. Partindo disso, analisamos certos trechos do romance a partir do recorte proposto que evidenciam a luta e a resistência das personagens, ao usar seus saberes ancestrais como estratégia para burlar o contexto racista em que a obra se insere. Dessa maneira, a pesquisa requer uma abordagem que vá além de simples descrições. Nesse sentido, o presente estudo alinha-se à perspectiva de Durão (2020) sobre o processo de investigação:

A escolha do objeto já é uma oportunidade para o exercício da imaginação crítica e quanto menos evidente ele for à primeira vista, tanto mais interessante poderá ser a interpretação. Ela pode envolver uma visada ampla e articular coisas diferentes, contraditórias ou aparentemente incompatíveis, assim como pode corresponder a um aspecto interno de uma obra (Duração, 2020, p. 39).

A relevância da pesquisa bibliográfica para o presente estudo é crucial na estruturação, que reside no fato de que ela permite a compreensão dos objetivos e das temáticas que serão investigadas na obra. Ao articular a leitura da obra com os referenciais teóricos que discutem ancestralidade, política de vida, memória, pertencimento e resistência, foi possível possibilitar a construção de um olhar crítico sobre a narrativa. Dessa forma, a metodologia proposta permite uma análise aprofundada da forma como Cruz ficcionaliza e promove uma denúncia das desigualdades sociais.

Ademais, a pesquisa se debruça nas contribuições teóricas de Eduardo de Assis Duarte (2010), que oferece uma compreensão das complexidades da Literatura Afro-brasileira. Maria Nazareth Soares Fonseca (2016), que contribui para o entendimento da importância da oralidade nas culturas de descendência africana. Os autores Luiz Antônio Simas e Luiz Rufino (2020), que defendem que é necessário a reconexão com o sagrado pautada em saberes ancestrais, também utilizamos o pesquisador Muniz Sodré (2023), que foca no racismo pós-abolicionista.

Dentro da teoria literária, Terry Eagleton (2017), que diferencia os personagens ficcionais dos reais. Beth Brait (1985), fornece uma base para entender as personagens literárias dentro da narrativa. E Antonio Candido (2014), também contribui para entendermos a construção das personagens na narrativa. Outra teórica nesta pesquisa é Leda Maria Martins (1979), que oferece uma visão profícua sobre a ancestralidade e a memória coletiva, ao descrever as práticas e rituais de irmandades.

Portanto, este trabalho está estruturado por seções. A primeira, analisa a Literatura Afro-brasileira contemporânea, por meio da escrita de Eliana Alves Cruz que expõe o racismo estrutural e como suas personagens no romance, geram a política de vida como estratégia para burlar o contexto racista em que a obra se insere. Na segunda seção, a pesquisa se debruça sobre a trama familiar das três gerações de mulheres negras (D. Codinha, Eunice e Mabel) explorando a construção das personagens e suas relações entre si, que revelam os meios utilizados para a transmissão de seus saberes ancestrais.

2 LITERATURA AFRO-BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

A Literatura Afro-brasileira vem ganhando cada vez mais força, especialmente com o crescimento e a circulação de obras feitas por autoras negras. Tal movimento evidencia o surgimento de outras narrativas que trazem mais diversidade e proporcionam novos olhares para as produções literárias. Essas obras exercem um papel fundamental na história, o surgimento e a manutenção de narrativas que foram silenciadas, e sua capacidade de abrir espaços para as vozes de pessoas que foram historicamente ignoradas. Ao longo dos anos, a história foi marcada por apagamentos e silenciamentos, as vozes da maioria minorizada foram esquecidas, enquanto narrativas da elite foram possuindo espaço e força.

Com isso, umas das principais contribuições da Literatura Afro-brasileira contemporânea é a centralidade em suas obras, ao criar personagens negros, sobretudo mulheres, como protagonistas de suas histórias. Assim, autores recontam pela perspectiva dos negros as histórias verdadeiras de pessoas que são vistas apenas como secundárias. Nesse sentido, a literatura visa preencher as lacunas deixadas pela história oficial, que silenciou o povo negro. Bernd (1988, p. 77, *apud*. Duarte, p. 117), comenta que:

A montagem da poesia negra faz-se a partir da (re)conquista da posição de sujeito da enunciação, fato que viabiliza a re-escritura da História do ponto de vista do negro. Edificando-se como espaço privilegiado da manifestação da subjetividade, o poema negro reflete o trânsito da alienação à conscientização. Assim, a proposta do eu lírico não se limita à reivindicação de um mero reconhecimento, mas amplifica-se, correspondendo a um ato de reapropriação de um espaço existencial que lhe seja próprio.

Diante do exposto, o negro deixa de ser um objeto, e passa a fazer circular sua voz e seus pensamentos próprios. Dessa forma, no cenário contemporâneo, a Literatura Afro-brasileira abre espaço no qual autores e autoras negras têm a liberdade de escrever suas próprias histórias, desconstruindo os estereótipos impostos pela sociedade e pelas histórias da Literatura Brasileira. Portanto, a Literatura Afro-brasileira contemporânea aborda como os negros são vistos pela maioria e também permite que autores negros em sua escrita, se apropriem de suas experiências e seus saberes coletivos, que buscam celebrar sua existência e sua ancestralidade. Sendo assim, os autores negros se descrevem na história como representantes de sua cultura e comunidade, (re)escrevendo a história de seu povo.

2.1 A escrita de Eliana Alves Cruz

Em suas obras literárias, autoras negras expressam as vozes que foram silenciadas na história oficial. Eliana Alves Cruz é uma das mais potentes escritoras

da atualidade, produzindo romances, contos e poemas publicados. Cruz é considerada uma das escritoras negras mais importantes na literatura contemporânea. Sua escrita vem marcada por um enfoque em temas relacionados ao racismo, a escravidão e, principalmente, sobre a ancestralidade e a vida cotidiana das populações negras no Brasil. Algumas de suas obras são *Água de barreira* (2016) e *O crime do Cais do Valongo* (2018), romances que evidenciam a ancestralidade negra, ligando-a à vida de seus antepassados. Com elas, sua escrita se destaca pelo resgate histórico dos personagens que são constantemente marginalizados dentro da literatura.

Dessa forma, Eliana Alves Cruz utiliza sua escrita para reescrever a história de quem foi, e quem ainda é silenciado pela elite brasileira, que minimizou as contribuições e a experiência de pessoas negras. Também é importante destacar que seus livros abordam a dor sofrida por aqueles que foram escravizados e descreve os saberes ancestrais, a memória coletiva e a resistência que permeia a vida de suas personagens, e de como elas utilizam esses saberes como forma de resistência. Nesse sentido, *Solitária* (2022) se insere no espaço de resistência em que se entrelaça a relação entre avó, mãe e filha, e de como essas três personagens utilizam seus saberes intergeracionais entre si, como forma de resistir às desigualdades sociais, além de representar a realidade vivida por mulheres negras no ambiente doméstico.

Em um dos trechos do romance, destaca-se justamente essa relação coletiva, que mostra uma mulher mais velha consolando uma mais jovem na cozinha e falando sobre as gerações passadas e as trocas domésticas contínuas, no espaço da cozinha que para elas não é só um local no qual se faz os alimentos, mas, principalmente, um local que suporta a dor e as injustiças através do acolhimento coletivo. Dessa forma, o saber que é passado de geração para geração e o registro de lutas das mulheres que são historicamente silenciadas. Como podemos ler:

Hoje penso por quantos séculos uma mulher mais velha como a minha mãe teve que consolar outra mais nova por prantos parecidos e naquele mesmo espaço, a cozinha, dizendo aquelas mesmas palavras. você não teve culpa. Calma, minha criança. Calma, minha menina... Ela sabia que as crianças como eu - como ela foi e, antes dela, a sua mãe, e a sua mãe de sua mãe até a minha décima avó - não entendiam muito bem o que era isso de ser criança. A gente sempre foi miniatura de adulto. Irene era apenas mais uma na lista. (Cruz, 2022, p. 26).

Nota-se, nesse trecho, que há uma reflexão sobre a constante repetição da dor e como ela é consolidada ao longo das gerações. Ela destaca a ancestralidade que percorre as personagens como uma herança que ainda vive através da coletividade, dos sentimentos, dos gestos, e, principalmente, das palavras de cuidado. Esse ritual conecta gerações de mulheres negras, que dividiram e ainda dividem a mesma dor, mas, que ainda sim, tem a capacidade de apoiar umas às outras. A transmissão dessas memórias e saberes é fundamental para a luta e a resistência de mulheres negras em espaços de opressão.

Outro ponto central de sua escrita é a ideia de uma realidade que vem sendo explorada pela sociedade hostil em que muitas vezes crianças negras periféricas são impostas a condições de amadurecimento precoce. Nesse fragmento da narrativa é possível ver a infância negada a personagem Irene em que Eunice a consola: “não entendiam muito bem o que era isso de ser criança. A gente sempre foi miniatura de adulto. Irene era apenas mais uma na lista.” (Cruz, 2022, p. 26). A autora em sua escrita destaca que a elite, muitas vezes, renega a experiência de ser criança, para se apropriarem das condições sociais, explorando a infância e o corpo,

e impondo responsabilidades precoces para crianças. Dessa forma, se aproveitando de mão de obra barata e invisível, que muitas vezes é vista como algo natural. O ponto central do estilo de sua escrita é a denúncia através da literatura, não como uma forma de romantizar tais dores, mas de mostrar a realidade brasileira que muitas mulheres e crianças negras sofrem todos os dias.

Dessa maneira, Cruz se destaca por seu estilo, que busca preencher as lacunas deixadas pelo silenciamento ao longo da história. A autora, em suas obras, cria uma intimidade com o leitor. Ela usa uma escrita simples com linguagem acessível, mas rica em detalhes, dando acesso aos pensamentos das personagens, conectando o leitor com o ambiente no qual elas vivem, e aproximando-os da vida cotidiana delas, com acontecimentos do dia a dia de pessoas negras e periféricas, uma literatura de combate, usando palavras para revelar as opressões, abrindo espaço para as vozes de quem foi invisibilizado socialmente. Assim, sua escrita faz com que o leitor se transporte para a história, conseguindo pensar e sentir como o mundo realmente é para grande parte da população.

Duarte (2010), em suas produções, oferece uma base para a complexidade da literatura afro-brasileira e traz a importância dessa literatura nas produções de espaços de criação e valorização da ancestralidade e da memória coletiva. Assim, a escrita de Eliana Alves Cruz vem criando um espaço central nas narrativas que destacam mulheres negras e suas relações entre as gerações enquanto rede coletiva. Duarte (2010, p. 113) comenta que “no alvorecer do século XXI, a literatura afro-brasileira passa por um momento rico em realizações e descobertas, que propiciam a ampliação de seu corpus, na prosa e na poesia [...]”. Dessa maneira, a autora aponta e destaca o racismo e as desigualdades sociais presentes na sociedade, além de trazer uma perspectiva de como trabalhadoras domésticas e mulheres negras se tornaram invisíveis no cenário atual. Sua narrativa expande o meio literário, assim sua escrita não cumpre apenas o papel de denúncia, mas sim de mostrar a realidade e de como ela é enfrentada por meio da ancestralidade e dos saberes coletivos a partir das gerações de mulheres negras. Segundo Lobo (2007, p. 266 *apud*. Duarte, 2010. p. 115).

A literatura negra é aquela desenvolvida por autor negro ou mulato que escreva sobre sua raça dentro do significado do que é ser negro, da cor negra, de forma assumida, discutindo os problemas que a concernem: religião, sociedade, racismo. Ele tem que se assumir como negro.

Nessa perspectiva, a autora, em suas obras, cria personagens negras e faz com que os leitores enxerguem suas vidas, e de como elas enfrentam os desafios que surgem no cotidiano, explorando a rica herança cultural deixada, ela aborda como pessoas negras lidam com o racismo e as opressões.

Ela se coloca dentro da história como uma mulher negra que narra as histórias de seus antepassados que foram historicamente silenciados. Conforme citado por Lobo (2007, p. 266 *apud*. Duarte, 2010, p. 115) “escreva sobre sua raça”, e sobre se colocar na história, enfatizando a literatura não como uma mera temática a ser discutida, mas como uma experiência vivenciada que molda suas próprias narrativas. Por isso, Eliana Alves Cruz faz entender que a Literatura Afro-brasileira, é um espaço rico em afirmação identitária, memória, saberes ancestrais e elementos da religiosidade de matriz africana, dessa maneira incorporando a forma como seus personagens tecem o passado, presente e o futuro.

Maria Nazareth Soares Fonseca (2016), afirma e destaca a importância dos saberes e da memória ser preservada por meio da literatura. O autor Hampâté Bâ (1984. p. 181 *apud*. Fonseca, 2016. p. 13) considera o “cérebro dos homens os

primeiros arquivos ou bibliotecas do mundo”. Seguindo essa perspectiva, entra a escrita de Eliana Alves Cruz que em suas obras traz elementos da oralidade africana e as coloca em sua escrita, sejam histórias ou a forma de suas personagens falarem, a autora resgata seus aspectos antepassados para sua escrita.

Fonseca (2016), ainda em seu texto, analisa como os autores africanos trazem diversas maneiras de expor a oralidade em suas obras, além de discutir, em seus escritos, a diversidade em relação à oralidade e à escrita. Fonseca (2016, p. 14) ressalta que “provérbios, lendas, histórias e outras produções características da tradição oral fazem parte desse grande acervo que a memória dos “velhos de cabelos brancos”. Dessa forma, Eliana Alves Cruz no romance, aborda esse enorme acervo deixado pelos “velhos de cabelos brancos”, que partem e deixam um legado repleto de oralidade que vai além da comunicação, mas que muitas vezes passam a ser palavras de conforto e gestos simples, que no final acendem a ancestralidade presente em suas personagens, muitas sendo mulheres negras que passam essa rica herança por gerações e buscam preservar ainda mais essa cultura.

Dessa forma, ao longo de sua carreira Eliana Alves Cruz continuou a explorar e evidenciar as questões sobre a discriminação e a escravidão. Desafiando as fronteiras da literatura, sua escrita é capaz de conscientizar e movimentar mudanças. Seus romances publicados revelam que a autora escreve sobre as experiências de pessoas negras no contexto brasileiro e a busca pela recuperação das narrativas de memórias ancestrais e coletivas e central em suas produções literárias. A escrita de Cruz, marca um dos pontos centrais se sua escrita, na qual ela expõe o ciclo da herança escravocrata da sociedade brasileira. ela escreve sobre a denúncia do cárcere privado e sua semelhança com a escravidão, destacando como o poder do ambiente doméstico carregam o peso do passado colonial. Dessa forma, a autora assinala um momento crucial na narrativa, sobre a persistência das desigualdades e abusos estruturais na sociedade contemporânea:

É... Uma hora os criados deixam de ser mudos. Ouvimos no meio de todo o bochincho, a voz de outro personagem que andava desaparecido e surgirá como fantasma ao nosso lado: João Pedro. Ele e Cacau tinham feito uma denúncia anônima acusando D. Imaculada de manter Dadá em cárcere privado, em condições similares à escravidão, por mais de vinte anos. (Cruz, 2022, p. 119).

Esse trecho demonstra o ponto central das narrativas escritas pela autora, revelando a quebra do silêncio histórico. Ao citar “uma hora os criados deixam de ser mudos”, a autora descreve que, mesmo com lutas constantes, a fala de seu povo se torna invisível. Dessa forma, a quebra do silêncio marca a busca pela justiça sendo feita na história. Eliana Alves Cruz cria um ambiente de crítica social, ao utilizar termos como “condições similares à escravidão”, conectando o leitor ao período de escravidão no Brasil. Portanto, a escrita da autora é fundamentada na história de seus antepassados que foram silenciados, ela busca explorar a resistência, deixando evidente que seus personagens não são apenas vítimas, mas pessoas que resistem por meio da coletividade em meio a um sistema opressor excludente.

2.2 A política de vida burla o contexto racista do romance

A política de vida, que se desenvolve nas pequenas práticas e escolhas cotidianas das personagens de *Solitária* (2022), é um caminho central para burlar o contexto racista da narrativa. No romance, as personagens negras são

representadas como vítimas da sociedade opressora e ao mesmo tempo são criadas enquanto agentes ativos na construção de suas subjetividades e dignidade. Mabel, filha de uma empregada doméstica, é um dos principais exemplos de força, pois sua trajetória na obra não está definida pelas injustiças e opressões, em vez disso, sua jornada é determinada por sua vontade de autonomia, na qual cada uma de suas ações é o ato político de afirmação da própria vida.

Dessa forma, a coletividade e a solidariedade são fundamentais na política de vida, na qual a narrativa mostra como as personagens constroem afetos e laços de apoio umas com as outras, mesmo diante das estruturas racistas da sociedade. Assim, a interação entre as mulheres negras, no romance, mostra como a troca das experiências cotidianas é um suporte necessário que serve como proteção e amparo em meio às opressões. Simas e Rufino (2020), falam a respeito de reafirmar a vida diante das subjugações, e de como o encantamento é um ato de “desobediência” perante as transgressões, leiamos:

A vida, afinal, é aquilo que praticamos cotidianamente e está em constante ameaça, a partir do veneno da serpente que, uma vez inoculado, espalha a mortandade, descredibilizando o ser e os seus saberes. Para a maioria dos seres que não experimentam o mundo a partir dos alpendres da Casa Grande, das sacadas dos sobrados imperiais e das salas de reunião de edifícios de grandes corporações, cabe entender o encantamento como ato de desobediência, transgressão, invenção e reconexão: afirmação da vida, em suma (Simas; Rufino, 2020, p. 6).

O trecho acima destaca como a vida prática, cotidiana, está em constante ameaça, e que a “serpente” é uma metáfora que invisibiliza “o ser e os seus saberes”. A apresentação da serpente pode simbolizar o racismo que está no sistema social. Na obra o “veneno” está presente principalmente no espaço doméstico, no qual as protagonistas Eunice e Mabel estão inseridas. Nesse aspecto, a política de vida é um ato de resistência diária dentro dos espaços marcados pelo racismo que censuram as lutas das personagens. Dessa maneira, no romance, percebemos a batalha daqueles que não conhecem os “alpendres da Casa Grande”. Nesse sentido, o encantamento se configura como um meio estratégico de permanência e ressignificação da vida, visto que se conectam às suas memórias e saberes ancestrais. As personagens executam o ato de política capaz de desestabilizar o espaço opressor onde estão inseridas.

No trecho a seguir de *Solitária* (2022. p. 12), evidencia a complexidade da luta que se manifesta pela política de vida. Mabel tenta sugerir uma denúncia, mas a menção da palavra “escrava” provoca medo e fúria ao mesmo tempo, Eunice tem uma reação tensa, a tal ato, mostrando como a memória histórica da escravidão ainda é um tema que carrega feridas abertas. O olhar de fúria é uma resposta ao veneno que vem sendo destilado por séculos de violências: “O que eu faço com essa gente toda? A senhora precisa denunciar, precisa falar... A senhora não é escrava... - Ela me encarou com fúria. Na distância em que estávamos, senti seu olhar como um tapa na cara. [...]”. Partindo disso, a personagem Mabel tenta um ato de resistência e de denúncia ao confrontar a situação narrada ao dizer “A senhora precisa denunciar”. Tal tentativa é imediatamente rebatida por Eunice, que a repreende com “fúria”, isso demonstra que a resistência de quem vive em meio a uma sociedade opressora não é simples e a repreensão pelo olhar - “senti seu olhar como um tapa na cara” - não está precisamente se direcionando aos opressores, mas a quem tenta salvá-la de tal situação.

Dessa maneira, observamos que a política de vida de Eunice, é construída a partir do cotidiano e do silêncio, na qual ela demonstra não ser uma vítima e que não

precisa ser resgatada das opressões que sofre em seu ambiente de trabalho doméstico. Simas e Rufino (2020), ainda destacam que:

Algumas “sobras viventes” conseguem virar sobreviventes. Outras, nem isso. Os sobreviventes podem virar “supraviventes”: aqueles capazes de liberar a condição de exclusão, deixar de ser apenas reativos ao outro e a ir além, afirmando a vida como uma política de construção de conexões entre o ser e mundo, humano e natureza, corporeidade e espiritualidade, ancestralidade e futuro, temporalidade e permanência. (Simas; Rufino, 2020, p. 06).

Diante desse cenário, percebemos que a personagem feminina Eunice, enfrenta as opressões e o racismo, muitas vezes em silêncio, com a esperança de que as coisas se “resolvam” sozinhas e sem alarmes, muitas vezes ela se resguarda como estratégia para se proteger, apesar disso, é notável que esse silêncio é um reflexo da falta de espaços para se expressar. No início da narrativa vemos que as personagens Eunice e Mabel, começam vivendo invisíveis aos olhos da sociedade, como “sobras viventes” apenas vivendo à margem do medo e das opressões.

Desse modo, ao decorrer da narrativa as personagens ampliam a consciência dos atos da elite e acabam enxergando a necessidade de agir em meio aos abusos sofridos. Pois Eunice tem receio de se movimentar, de quebrar essas amarras sociais, mas que ao decorrer do romance ela consegue se libertar desse aprisionamento. Já Mabel tem outro pensamento, é mais ativa, e tem menos medo, e busca o tempo todo, dentro da narrativa, ocupar os espaços que são proibidos para as classes periféricas.

Os “supraviventes”, citado por Simas e Rufino (2020, p. 06), vão além do ato de exercer a resistência, eles transformam suas vidas em uma política de construção, a partir de conexões que abrangem uma relação entre o ser e o mundo, a espiritualidade, a coletividade, e a ancestralidade. Dessa maneira, trata-se de ser um “supravivente” e moldar, cotidianamente, sua própria existência e realidade, utilizando suas memórias e seus saberes ancestrais para (re)construir caminhos dentro da sociedade opressora.

Apesar do acontecimento da abolição da escravatura ter ocorrido, ela não acabou de fato. Até os dias atuais, existem vestígios de pessoas que são escravizadas e chantageadas pela elite, vistas apenas como objetos de trabalho. O caso da personagem Eunice, que trabalha na casa da uma família rica que, a considera parte da “família”, substantivo utilizado para minimizar a relação de exploração no trabalho e para ela se dedicar apenas à família dos patrões, mesmo que isso significasse sacrificar sua vida e de seus familiares. Por outro lado, Mabel, desde pequena, tem consciência da situação de sua mãe com os patrões.

No trecho adiante, de *Solitária* (2022, p. 11), Mabel narra o cotidiano de sua mãe no trabalho. “- Mãe... a senhora precisa se libertar dessas pessoas... A senhora não deve nada a elas, pelo contrário. Mãe...Sou eu, a Mabel, sua filha. Não tenha medo de encarar esse povo que nunca limpou a própria privada!”. A fala de Mabel revela sua consciência perante os abusos que sua mãe sofre, ela confronta a submissão de Eunice, reflexo do racismo estrutural enraizado em um sistema de servidão exercido pela elite sobre os negros. O autor Muniz Sodré (2023) define o fascismo da cor:

Permanece um mesmo “jogo”, capaz de adaptar-se historicamente, mas sem destoar, por suas “semelhanças de família”, de uma forma de vida caracterizadamente fascista. O racismo brasileiro está genealogicamente próximo desta forma de vida: é um fascismo da cor [...]. (Sodré, 2023, p. 153).

Ao descrever sobre o racismo brasileiro, não apenas como um tipo de preconceito, o autor Sodré (2023), refere-se a ele como uma espécie de “jogo” que se moderniza, e consegue se adaptar com o tempo, mas continua o mesmo, apenas disfarçado, fascismo que só foca na cor da pele. No romance, a história da personagem Eunice, no ambiente de trabalho é narrada em condições de cárcere, na casa dos patrões, os espaços onde as personagens transitavam eram divididos, o quatinho da empregada, nome dado ao espaço hierarquizado, pelos patrões, no qual Eunice e Mabel, durante anos, eram aprisionadas. Por isso, a ideia de que Eunice fazia “parte da família” é uma forma de manipular, como um “jogo” descrito por Sodré (2023), que esconde a exploração e o racismo por trás das ações da elite brasileira.

Ainda nesse contexto, é possível observar que Mabel diz a sua mãe, Eunice, que ela não deve ter “medo de encarar esse povo”. Vemos, portanto, um ato de resistência no qual ela enfrenta, não apenas como sua mãe é tratada perante a sociedade, mas também a forma que a elite brasileira cresce em cima do silêncio e do trabalho dos outros. Dessa forma, Mabel acaba por desmascarar o “jogo” que a elite perpetua ao se negar a ser invisível perante a sociedade. Sodré (2023, p. 164), ainda destaca que “o fingimento ou a hipocrisia da classe senhorial um intuito de burlar ou de tornar ambígua a letra da lei para legitimar a propriedade ilegal de escravizados”. Dessa forma, o racismo presente na narrativa é hipócrita, pois se esconde através do falso afeto que os patrões tinham por Eunice, quando, na verdade, eles a exploravam. Enquanto ela não via que a vida dela estava sendo silenciada e oprimida.

Nesse cenário, a política de vida exercida por ela foi a de aceitação e silêncio, pois, ilusoriamente, se sentiam “parte da família”, além do apego que tinham pela família. Ao invés de a reconhecerem como uma pessoa trabalhadora com direitos, a elite usa a ideia de “família” para encobrir e burlar as leis. No romance, o racismo é baseado pela mentira e pelas injustiças cometidas pela elite, enquanto Eunice e Mabel usam de suas memórias e seus saberes ancestrais para construir um ato político de resistência. Apesar disso, tais saberes são, muitas vezes, vistos como algo ruim ou como atos de “feitiçarias” como as técnicas ensinadas por D. Codinha de como usar ervas e plantas medicinais ou como seus conselhos sobre a vida e as experiências para Eunice. O autor Sodré (2023) sustenta que:

No Brasil, o medo e a segregação assumiram outras modulações. Primeiro, a questão do ludismo (cânticos, danças, folguedos, celebrações etc.), que eram sempre reportadas por autoridades e jornais com as manifestações “barulhentas” ou antiéticas à civilidade urbana. Depois, a questão das crenças que não coadunavam com os ritos cristão e, por isso, tendiam a ser religiosamente classificados como “feitiçarias”, senão como distúrbios mentais. (Sodré, 2023, p. 142).

É notório que, historicamente, a elite brasileira tem considerado a cultura negra como algo “ruim” ou “inferior”. Essa percepção não se limita à crítica, mas revela que essa “opinião” está disfarçada de medo e ignorância, que visa rebaixar essa cultura a algo antiquado. Na obra a política de vida exercida pelas personagens, especialmente por Mabel, reafirma constantemente a vida e a dignidade que a sociedade hostil tenta apagar por meio de suas ações e pensamentos cotidianos. Ao invés de viverem suas vidas de acordo com as dominações impostas pelo racismo, as personagens da obra tentam construir suas vidas a partir de sua ancestralidade. Este ato de resistência demonstra que a vida e as experiências dos seres humanos não podem ser barradas pelos estereótipos que a elite impõe.

Portanto, as personagens burlam o racismo presente no contexto da obra, resgatando as raízes e a história de seus antepassados, se recusando a viver sobre as concepções e em espaços que são impostos pela elite. Elas buscam, por meio da ancestralidade, romper as opressões. Assim, o ato de resistência é alimentado pela vontade de reafirmar suas vidas, através do saber e da coletividade que perpassa gerações de mulheres negras.

3 A TRAMA FAMILIAR DAS TRÊS PERSONAGENS NEGRAS GERA POLÍTICA DE VIDA

No romance, a trama familiar das personagens negras é uma eficaz política de vida que se manifesta cotidianamente. As vivências de Eunice, Mabel e D. Codinha, se entrelaçam. Cada uma delas contribui significativamente na construção da resistência e luta diária, mostrando como as gerações de mulheres negras criam um espaço de estratégias de sobrevivência contra a sociedade opressora.

A personagem Eunice constrói sua política de vida baseada no silêncio e no trabalho como forma de resistir. Sendo uma empregada doméstica de uma família rica, ela busca enfrentar as diferenças impostas pela elite. Assim, Eunice se cala diante das injustiças como uma maneira de se autopreservar. Seu trabalho e sua filha são a base de sua política de vida. Ela busca proteger sua filha das opressões que sofre. Contudo, ao levar Mabel com ela para o seu ambiente de trabalho, a expõe ao que passa diariamente. Mesmo assim, busca ensinar a Mabel as práticas que ela utiliza como estratégia para se virar e sobreviver diante das opressões.

Ao mesmo tempo, Mabel representa que a política de vida pode quebrar o silêncio dos oprimidos. Seu ato político é uma reação às opressões sofridas por Eunice. Mabel se rebela contra o destino já traçado pela elite para ela, ao demonstrar interesse em fazer vestibular, entrar em uma universidade e tornar-se médica, negando-se a seguir o padrão de ter filhos e ser doméstica, como sua mãe. Este é o caminho que ela traça para quebrar o silêncio, pois o conhecimento e poder que os sistemas sociais não podem tirar ou apagar. Nesse contexto, o desejo pelos estudos se torna a “arma” de Mabel contra o sistema. Seu caminho para se tornar uma médica não é visto como uma conquista individual, mas se torna um ato político de resistência, que pode inspirar outras jovens em situação semelhante.

Dessa forma, Eunice e Mabel constroem sua política de vida a partir dos ensinamentos e conselhos da matriarca D. Codinha, vista como o alicerce ancestral, ela é a guardiã das memórias e saberes que unem a força e a fé da família. Assim, ela compartilha suas histórias e experiências vividas inspirando sua neta, Mabel, a lutar por um futuro diferente, mostrando que a política de vida é uma herança, que pode ser transmitida a partir das gerações de mulheres negras da família. Portanto, as três personagens negras demonstram que a política de vida é construída nas vivências, nas lutas e nas ações diárias de uma família, que juntas buscam um futuro diferente para enfrentar as opressões.

3.1 O legado de D. Codinha e a resistência de Eunice: uma análise da relação entre mãe e avó

Em *Solitária* (2022), a construção das personagens D. Codinha e Eunice revelam uma relação intergeracional que é crucial na política de vida da família. A matriarca da família é o elo que entrelaça o passado e o presente. D. Codinha conta

com suas histórias, a força e a fé, ferramentas essas utilizadas para construir o laço familiar. Mesmo não enfrentando diretamente as opressões das classes sociais, ela busca fortalecer sua filha Eunice e sua neta Mabel, através das memórias e dos saberes ancestrais que são um legado de resistência. Eunice constrói sua política de vida focada no trabalho e na sobrevivência, usando o silêncio como estratégia de resistência. Ela mentaliza que precisa se manter invisível para conseguir o sustento de sua família.

As relações entre as personagens são construídas a partir de uma base familiar com amor e respeito. Eunice tem uma visão diferente de sua mãe; ela respeita sua visão perante o mundo, mas teve de buscar entender que, na dura realidade do dia a dia, ele exige, muitas vezes, a luta em uma outra abordagem. Em muitos momentos da narrativa, Eunice demonstra que não tem apego às histórias e aos saberes que sua mãe conta, consequência da dura realidade que sofre na casa dos patrões. No trecho a seguir, narrado pela personagem Eunice, podemos ver:

Na hora lembrei de quando minha mãe me viu saindo para o meu primeiro dia como empregada doméstica. Ela estava muito contrariada e dizia que preferia mil vezes capinar, plantar, fazer o duro trabalho da terra, a ir para dentro da casa de rico. [...] D. Codinha disse que sabia que era um serviço honesto, digno, mas mesmo assim se entristecia, porque olhava para mim e lembrava das histórias que a avó dela contava sobre servir em casas grandes. Eu achava tudo um exagero enorme (Cruz, 2022, p. 79).

A narrativa descreve a contrariedade de D. Codinha ao ver sua filha Eunice se tornar empregada doméstica. O fato de se lembrar das histórias contadas por seus antepassados sobre “servir em casas grandes”, revela que a memória não é só um legado de vivências, mas um registro das opressões sofridas. D. Codinha, ao se lembrar dos relatos, sabe que a vida de doméstica não é apenas um simples trabalho visto como “honesto e digno”, mas sim uma brecha para dar continuidade à exploração.

A construção da personagem descrita por Brait (1985, p. 38) diz que “nesse sentido, os seres fictícios não mais são vistos como imitação do mundo exterior, mas como uma projeção de maneira do ser do escritor”. Dessa forma, Brait (1985, p. 38) sugere uma mudança na forma de enxergarmos os personagens literários. A ficção deve e pode ser vista como uma criação, a partir das experiências de seu escritor. Essa abordagem se encaixa na escrita da obra *Solitária* (2022), de Eliana Alves Cruz, na qual a personagem Eunice não é apenas uma representação de mulher negra e trabalhadora doméstica, ela é como uma projeção feita a partir das indagações e das reflexões da autora sobre o racismo, a resistência e a ancestralidade. A autora projeta em Eunice a luta e a realidade enfrentada por mulheres negras, que são oprimidas por um sistema social que ainda causa injustiças na vida de pessoas à margem da sociedade. Desse modo, o fato de Eunice ser invisível para os patrões é uma “projeção da maneira do ser” que muitas mulheres negras passam no ambiente de trabalho doméstico, invisibilizadas pela elite que procura não as enxergar.

Já a personagem D. Codinha é uma figura que representa a força e os saberes ancestrais presentes dentro das gerações. Ela é a projeção da ancestralidade e da resistência que Cruz valoriza, o pilar da família, representando os laços e o afeto. A autora esboça nela a importância da família perante a luta, a relevância da memória e da coletividade entre as gerações de mulheres pretas para resistir à dura realidade. Nessa perspectiva, as personagens advêm das concepções que Eliana Alves Cruz tem sobre a invisibilidade e a resistência das mulheres negras dentro da elite brasileira. Assim, a autora visa elaborar seus pensamentos e críticas

sociais acerca de suas personagens, transformando os seres fictícios em uma reflexão sobre sua visão de mundo.

Beth Brait (1985, p. 28), fala que “tanto o conceito de personagem quanto a sua função no discurso está diretamente vinculado não apenas à mobilidade criativa do fazer artístico, mas especialmente à reflexão a respeito dos modos de existência e do destino desse fazer”. Nesse sentido, Brait faz uma reflexão sobre a função das personagens. Ela descreve que uma personagem não é apenas uma invenção do autor que surge do nada sem propósito algum, pelo contrário, as personagens da obra, Eunice e D. Codinha, são elementos que possibilitam ao leitor compreender o significado por trás de todo caminho da narrativa. Elas carregam consigo as ideias sobre dor e luta de pessoas que são silenciadas. Juntas elas são um mecanismo que possibilita uma reflexão sobre as personagens entre a literatura e sociedade, arte e realidade.

Dessa forma, Eunice não é apenas uma mera trabalhadora doméstica, mas um elemento que visa mostrar como as mulheres negras são invisíveis e solitárias nas lutas cotidianas. Ou seja, sua função é fazer o leitor pensar sobre a trajetória e o destino das pessoas que são exploradas. E a personagem D. Codinha, apesar de não aparecer constantemente na obra, é um elemento central na história, pois ela representa a sabedoria, a ancestralidade e a coletividade que as mulheres pretas precisam para se reconstruir em meio às opressões. Seus saberes ancestrais, são os conhecimentos que nem a “Casa Grande” não pode silenciar os conhecimentos práticos que transformam a impotência sentida em um incentivo inadiável para a ação e a busca por uma vida digna. No seguinte trecho, narrado por Eunice, vemos a coletividade e o afeto entre as personagens:

Nos sentamos, com ela no meio de nós, e ficamos as três admirando as imagens por uns minutos [...]. Ela suspirou mais aliviada e então se voltou para mim.

- E você, Eunice, não acha que tá na hora de cuidar da sua vida?

Engoli em seco. Entendi o que ela queria dizer, mas... O que eu faria? Não estudei, achava que não era capaz de nada e não tinha a boa aparência que as empresas pediam. Não tinha ido à escola como a Mabel.

- Mamãe, eu... Sim, a senhora está certa.

- Então não perde tempo, minha filha... Vá, você consegue. Sua filha pode lhe ensinar tanta coisa... Aproveitem enquanto ainda tem todos os dentes (Cruz, 2022, p.103).

Na passagem acima, as personagens partilham um momento de conversa entre mãe e filha, que une uma pauta central do romance: a ancestralidade e a coletividade, na qual D. Codinha aconselha sua filha, Eunice, a mudar e cuidar de sua própria vida e família. Ao citar “não acha que tá na hora de cuidar da sua vida?”, D. Codinha usa seus saberes e sua preocupação para aconselhar sua filha, que vive em “cárcere” à poder de uma família rica. Ela busca dizer a Eunice para ela largar sua rotina marcada por explorações e ir em busca de algo melhor, uma vida além do trabalho servil.

Ainda sobre o excerto acima, a autora utiliza a fala diante da personagem Eunice: “Entendi o que ela queria dizer, mas... O que eu faria? Não estudei, achava que não era capaz de nada [...]” para expressar a dura realidade vivida por muitas mulheres negras que enfrentam o sistema opressor que não lhe dá oportunidades. Assim, a voz de Eunice é uma reflexão sobre a dificuldade de conseguir um emprego sem explorações e sem a insegurança de si mesma. Diante disso, o diálogo entre as personagens é um espaço criado pela autora para o leitor poder refletir sobre a luta e o empoderamento de mulheres negras. De tal maneira, Eunice

e sua mãe, D. Codinha, podem guiar o leitor para olhar e pensar sobre a dura realidade vivida por muitas mulheres negras na sociedade.

Terry Eagleton (2017, p. 38), assinala que “uma das maneiras mais usuais de desconsiderar a ‘literalidade’ de uma peça ou de um romance é tratar seus personagens como se fossem pessoas de carne e osso. Em certo sentido, claro, é algo quase impossível de evitar”. Embora Eunice e D. Codinha sejam personagens ficcionais, a autora da obra constrói uma história tão profunda que o leitor pode por vezes, relacioná-las a pessoas reais que lutam para viver de forma digna apesar das injustiças.

O conceito de “literalidade”, trabalhado por Eagleton (2017) pode ser compreendido dentro da obra de Cruz (2022), pois é impossível de ser ignorada, a autora atribui às personagens uma história real que está cheia de heranças culturais e emocionais, permitindo que o leitor possa ver e sentir os sacrifícios e as lutas das personagens. Assim, na narrativa, Eunice tem medos, mas também tem esperança de uma vida melhor para sua família, especialmente para Mabel, sua filha. Já D. Codinha, por outro lado, é firme em sua influência; é a raiz na qual se sustenta a família, moldando suas escolhas através de gestos e conselhos.

Portanto, a relação entre Eunice e D. Codinha é central na narrativa. Elas humanizam a experiência de várias mulheres negras através de seus vínculos familiares, que vivem em profunda admiração e respeito pelas memórias e pelos saberes que são construídos e repassados de geração a geração, evidenciando a perspectiva de Eagleton (2017), na qual é quase impossível não se conectar com a história das personagens de forma genuína.

2.3 A nova geração: a construção de Mabel e suas relações entre mãe e avó

A personagem Mabel, é um dos pilares do romance. A construção dela representa a voz da consciência pela liberdade. Nesse sentido, Mabel é a personificação do anseio em quebrar o ciclo de exploração em que sua mãe, Eunice, vive dentro do ambiente doméstico. Sua construção é subversiva em relação à vida de servidão histórica que foi imposta à sua ascendência feminina. Assim, Mabel é introduzida na narrativa como um agente de ruptura; ela desafia os estereótipos e denuncia a hipocrisia da elite brasileira. Dessa forma, a personagem é vista como uma rebelde que afronta o padrão estabelecido para sua vida. Ela é a força que impulsiona a mudança dentro da família, representando a juventude que se recusa a aceitar o destino traçado de servidão imposto socialmente.

No romance, a raiva e a revolta de Mabel são designadas pela estrutura das injustiças sociais que sua mãe e sua avó viveram. Dessa forma, Mabel transforma essa revolta e a direciona aos estudos, no qual seus conhecimentos e saberes ancestrais se tornam uma arma em meio às violências. No fragmento do romance narrado por Eunice, sua filha passa a estudar de forma silenciosa e invisível. Ela descreve em que condições Mabel tem que passar para garantir seu futuro. Dessa forma, ela mesma tem que se invisibilizar e se adaptar de maneira forçada para estudar, as personagens se tornam mestres na descrição como o trecho detalha a seguir:

No final eles já estavam acostumados. Já tinham o “dom da invisibilidade” já sabiam como estar sem deixar ninguém se aperceber de que estavam. Quando havia muita gente em casa ou se Camila não tinha aula, eles desciam e estudavam numa das mesinhas do pátio. Os dois passaram quase dois anos nessa rotina quase diária de estudo pesado, só

interrompida quando íamos para casa, nos fins de semana. (Cruz, 2022, p. 97-98).

O “dom da invisibilidade” citado foi necessário para que Mabel conseguisse estudar sem os olhares de reprovação dos patrões revelando assim a estrutura social em que ela estava inserida cotidianamente. Nesse contexto, o “dom” aqui não deve ser visto como uma dádiva, mas uma habilidade na qual Mabel foi forçada a adquirir. Nesse sentido, ela não aceita ser apenas um ser invisível, mas transforma essa “habilidade” em uma estratégia para sobreviver em meio às opressões.

Nesse trecho, ainda é possível destacar que a anulação da presença da personagem na casa dos patrões se tornou algo natural, que muitas vezes é exigido pela classe dominante “sem deixar ninguém se aperceber de que estavam”. Essa invisibilidade serve para destacar que o ambiente da classe trabalhadora não deve ser “contaminado” pela presença dos subalternizados, simbolizando a divisão entre as classes sociais. Outro ponto evidente na narrativa é a falta de um espaço próprio e adequado para Mabel focar nos estudos. Ela é forçada a mudar e se adaptar aos diferentes ambientes para não ter que lidar com os olhos de desaprovação dos patrões. A persistência de Mabel, em um ambiente que a silencia e a apaga constantemente, mas que, ao decorrer da narrativa, ela molda seus conhecimentos como uma “arma” destinada a romper o ciclo de servidão que está marcado na história de sua família.

Dentro das lutas constantes, também está o relacionamento de Mabel com Eunice e sua avó D. Codinha, a relação entre mãe e filha é tensa dentro da narrativa, pois as duas têm um embate entre as gerações que enfrentam o mesmo tipo de sistema opressor. Ambas possuem estratégias de sobrevivência opostas, pois elas pertencem a gerações diferentes e possuem níveis distintos de consciência sobre as opressões sociais que sofrem. Essa diferença causa embate no relacionamento e provoca a revolta de Mabel contra o silêncio de Eunice, então a relação delas é definida por práticas geracionais. A história de Eunice é marcada por explorações e, como forma de prevenção, ela adota o silêncio como forma central de sobrevivência. Assim, ela silencia sua dor, optando por dedicar sua vida ao trabalho doméstico para sustentar sua família. Mabel, por outro lado, é a voz que representa a liberdade; ela se recusa a seguir o sistema.

Dessa forma, Mabel, ao decorrer da narrativa, tenta pressionar Eunice a lutar e se libertar do sistema opressor, essa pressão serve como uma consciência que visa alertar as injustiças e humilhações que Eunice passa dentro do ambiente doméstico. Apesar dessa tensão ideológica, o laço familiar entre as duas é forte, sendo sustentado pelo amor maternal. Eunice trabalha e suporta as humilhações laborais para garantir que Mabel possa ser livre e ter um futuro digno. A comunicação desse amor entre mãe e filha é codificada através de gestos e rituais que são essenciais para suportar as opressões. No trecho a seguir fica evidente esses gestos e rituais:

Desde quando eu era muito pequena, combinávamos que não deixaríamos o dia passar guardando mágoa uma da outra.

- Sua benção, mãe... Foi a forma que encontrei de dizer “Me perdoe. Eu te amo”.

- Deus lhe abençoe, filha. Foi a forma que ela encontrou de dizer “Eu também” (Cruz, 2022, p. 13).

Os gestos e os rituais são umas das únicas maneiras que as personagens encontram para demonstrar o amor que sentem uma pela outra em um ambiente que é marcado por exigências, no qual o afeto precisa ser contido. Essa

demonstração de amor é um diálogo de reconciliação. Mãe e filha usam o costume de pedir e de dar a bênção como uma espécie de código diário para resolver os desentendimentos do cotidiano. O fato de que mãe e filha tinham uma promessa, “não deixaríamos o dia passar guardando mágoa uma da outra”, é uma demonstração de que a relação de ambas é mais importante do que o orgulho. Isso revela a relação e a construção das personagens dentro do romance. Acima de tudo, elas se amam e se respeitam através de gestos e rituais simples, que são usados como meios de reconciliação diária.

Antonio Candido (2014, p. 56), fala que “A personagem é mais lógica, embora não mais simples, do que o ser vivo”. Nessa perspectiva, o autor diz que a personagem deve ter uma grande complexidade e coerência. Mabel se encaixa nessas características, pois ela não é uma personagem que muda suas ideias várias vezes dentro da história. Mabel carrega um propósito desde o começo. Dessa maneira, ela, com sua determinação, canaliza sua energia e revolta inteiramente aos estudos, com o propósito de quebrar o ciclo de servidão em que sua mãe vive. A personagem do romance tem emoções como uma pessoa real, mas ela não se deixa levar. Mabel deixa evidente que deseja construir seu próprio futuro, mesmo em meio às violências. Sua determinação é central, pois ela expressa sua vontade de romper o ciclo familiar e mudar o rumo de sua história. Isso fica evidente no fragmento a seguir:

O que aconteceu, além da certeza de não querer filhos, cresceu outra vontade em mim: não queria ser como a minha mãe, ou melhor, não queria fazer o que ela fazia. Esse sentimento foi o embrião de um afastamento entre nós que precisaria do remédio do tempo para curar. [...] A vida que comecei a querer em mim era como a do seu Tiago, um cara que tinha a profissão dele e todo o resto (Cruz, 2022, p. 44-45).

Nesse excerto, vemos a complexidade da personagem Mabel e sua coerência na narrativa, a “não mais simples” e “mais lógica”, citado por Antonio Candido (2014, p. 56), ilustra que ela rejeita o destino que foi imposto pelo sistema para sua classe social. Durante o romance, Mabel revela a dor de amar sua mãe, mas ter que rejeitar o modo de vida que ela vive é inegável. Ela odeia o modo como Eunice se silencia e dá a vida apenas para o trabalho, por isso, ela tem a ambição de afastar o futuro que é esperado para as mulheres da sua classe.

Mabel narra que quer “a profissão e todo o resto”, ela não deseja apenas um emprego, mas busca uma profissão que a reconheça e que não consuma seu corpo, e que seja má remunerada, levando sua dignidade e seu tempo pessoal. Dessa forma, o desejo de Mabel pela sua própria autonomia funciona como uma forma de amadurecimento pessoal em que ela busca sua própria identidade.

Ao longo do romance, a relação de Mabel com sua avó, D. Codinha, também contribui com o desejo de conseguir sua autonomia. Apesar da relação das duas não se basear em interações constantes, ela contribui significativamente através do legado ancestral que é passado através das gerações. É possível observar uma das poucas interações das duas personagens, mas que carrega um grande significado dentro da narrativa:

- Mabel, no dia que você entrar naquela faculdade, vai esquecer que lhe ensinei a curar dor de cabeça com chá de folha de louro e casca de cebola?
- Questionou D. Codinha.
- E que leite de inhame cura dor de estômago? – perguntei.
- E que chá de quebra-pedra faz bem para os rins e cidreira acalma. Não tem nada que me tire essas certezas D. Codinha. – Mabel respondeu (Cruz, 2022, p. 103).

A relação entre neta e avó é um momento crucial da narrativa, pois demonstra como as gerações podem se conectar. A troca de falas das personagens é um mecanismo poderoso de afirmação da ancestralidade. D. Codinha pergunta a Mabel: “vai esquecer que lhe ensinei?”, a preocupação e o medo de que sua neta perca seus saberes ancestrais, e sobre seus ensinamentos da medicina que vem da natureza, que acompanham ela diariamente na luta por sobrevivência, pois, ao longo da história esses remédios caseiros foram as únicas formas de medicina que era acessível para sua classe social. Dessa forma, D. Codinha teme que a busca de Mabel pela medicina moderna apague seus conhecimentos que foram passados de geração para geração. Mabel garante através de sua fala “Não tem nada que me tire essas certezas”, de que a busca pela faculdade não é uma rejeição aos seus saberes ancestrais, ela pretende se tornar uma profissional com conhecimentos formais e populares.

A autora Leda Maria Martins (1997, p. 18) comenta a importância dos saberes e práticas coletivas para manter viva a história: “E eu nunca quis. Essa história não está nos livros. Ela está na lembrança, no pensamento, na boca da gente. Agora que quase senti a minha hora e que os fundamentos estão modificando muito viu eu quero contar”. Essa reflexão demonstra a importância da memória e da oralidade na preservação dos saberes ancestrais. A história da família de Mabel está, de fato, “no pensamento, na boca da gente”. Dessa forma, a relação entre Mabel e D. Codinha representa os saberes ancestrais que são passados através das gerações, conhecimento este que nunca foi legitimado pela academia ou pela elite brasileira. O romance revela a necessidade de Mabel em preservar sua memória, mesmo com a constante busca pela universidade, ela garante a D. Codinha que não irá esquecer seus ensinamentos diários, e faz questão de que os saberes e memórias ancestrais sejam levados com ela. Assim, Mabel, ao decorrer do romance, reforça a síntese dos mundos, usando os estudos como uma “arma” para buscar a liberdade e a dignidade, mas mantendo viva a história da família que continua na “boca da gente”.

Nesse desafio de conciliar a ancestralidade e o futuro, a fala da personagem Mabel: “Vou sair por aquela porta da frente e espero nunca mais ter que voltar aqui para encarar nenhum de vocês” (Cruz, 2022, p. 111). É uma declaração de independência e dignidade. A decisão de Mabel por sair pela porta da frente revela que não é uma escolha sem significado, mas, por trás dessa fala, Mabel evidencia que, apesar dos espaços em que ela foi constantemente apagada e silenciada, eles não puderam apagar sua ancestralidade e a história de sua família. Aqui vemos que a cultura africana resistiu apesar do silenciamento, e a saída de Mabel e a declaração de anos de resistência e luta por espaço. Dessa forma, a libertação de Mabel comprova que a história de servidão não conseguiu abalar sua busca por liberdade e autonomia, ideais esses que foram preservados na memória de sua avó e de sua mãe.

A determinação de Mabel em romper o ciclo é o que move a narrativa. Nesse contexto, Antonio Candido (2014, p. 56) comenta que “o enredo existe através das personagens; as personagens vivem do enredo. O enredo e personagem exprimem, ligados, os intuítos do romance, a visão da vida que decorre dele, os significados e valores que o animam”. Aqui Candido explica que o enredo só se desenvolve através das personagens e, no caso de *Solitária* (2022), a luta constante de Mabel para romper a esfera que aprisiona Eunice, mulher negra que trabalha de doméstica. Essa luta só se move porque Mabel, desde pequena, se recusa a aceitar o destino de sua mãe, mas também porque Eunice deu condições para ela sonhar. As ações e a determinação de Mabel em estudar para entrar em uma universidade de medicina,

é o fio condutor da história. Sem a lógica e a coerência da personagem, o enredo da obra não existiria, pois seria um ciclo de repetição do sofrimento.

Portanto, a jornada de Mabel cumpre a missão de libertar sua família, ela utiliza seus estudos e sua memória ancestral como um caminho para transformar o sacrifício de sua mãe e os saberes de sua avó como estratégia de resistência para resgatar a autonomia e dignidade de sua família, transformando o ciclo de servidão em uma oportunidade para o início de uma nova história livre de opressões.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura realizada ao longo desta pesquisa mostrou que a obra *Solitária* (2022), de Eliana Alves Cruz, possibilita um outro olhar sobre as relações intergeracionais de uma família de mulheres negras, que através da transmissão dos saberes ancestrais, buscam, por meio da coletividade, vencer as opressões sofridas no cotidiano. O romance constrói a força das personagens femininas diante das injustiças da elite brasileira. Dessa forma, o estudo buscou evidenciar como os saberes ancestrais, que muitas vezes são silenciados e apagados, se tornam uma política de vida para a libertação e autonomia de mulheres negras que, através de suas gerações, usam a ancestralidade como um meio de resistência.

As análises realizadas demonstraram como a escrita da autora está diretamente relacionada às experiências históricas vividas por mulheres negras, e como elas utilizam seus saberes, gestos e suas falas, como estratégias para burlar as opressões sofridas. Também foi possível notar que a escrita de Cruz não funciona apenas como uma maneira de denunciar as opressões e injustiças, mas sua escrita busca dar luz à força criativa que as gerações de mulheres negras carregam consigo ao longo da história, e como essa força pode quebrar as barreiras deixadas pelo sistema social. O estudo feito demonstrou como a narrativa conecta o passado e o presente, e como a coletividade das personagens pode moldar o futuro através da memória e da ancestralidade.

O presente estudo se propôs a analisar os saberes ancestrais e a política de vida que, juntos, se articulam no romance, bem como as relações intergeracionais entre a avó, mãe e filha que constroem estratégias de resistência contra as violências sofridas no cotidiano. Sendo assim, o objetivo central desta investigação foi evidenciar de que forma a ancestralidade feminina, enquanto uma política de vida, é configurada para reafirmar a vida e a liberdade das personagens femininas na narrativa. Em suma, esta pesquisa contribuiu para o aprofundamento sobre ancestralidade, saberes e memórias coletivas que as gerações de mulheres negras carregam consigo, e como as personagens do romance utilizam essa herança enquanto política de vida para enfrentar as múltiplas violências sofridas. O aporte teórico utilizado neste estudo demonstrou ser suficiente e adequado, destacando como as personagens articulam sua ancestralidade e seus saberes, e de que forma os utilizam como um meio para burlar as estruturas racistas no contexto do romance.

Para possíveis estudos futuros, o romance aborda diversos temas que podem contribuir para os estudos literários e ampliar o alcance das narrativas, por exemplo, podendo aprofundar sobre o roubo da infância e da adultização precoce da personagem Mabel, marca deixada pelo racismo estrutural que rodeia as mulheres negras, tema bastante relevante que expõe a profunda desigualdade da infância no Brasil.

Com base em tudo que foi exposto, compreende-se que a escrita da autora Eliana Alves Cruz contribui para um olhar reflexivo sobre as relações

intergeracionais de uma família. *Solitária* (2022) é uma narrativa repleta de denúncias e uma escrita que busca reafirmar a existência negra feminina. A vida das personagens é tecida pela ancestralidade e pelos seus saberes que revelam a força das gerações, rompendo o silêncio histórico que invisibiliza mulheres negras. Por fim, a narrativa oferece uma reflexão do retrato do racismo estrutural na sociedade, na qual a política de vida das personagens femininas é um ato político de reafirmação da luta por sua liberdade e autonomia. Em síntese, este estudo reforçou a importância de compreender a política de vida criada dentro dos textos literários e como ela está articulada com a ancestralidade e a memória coletiva, reconhecendo essa herança que perpetua gerações como forma de resistência às violências sociais.

REFERÊNCIAS

- BRAIT, Beth. **A personagem**. São Paulo. Editora Ática S.A. 1985.
- CRUZ. Eliana Alves. **Solitária**. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- CANDIDO, Antonio; PRADO, Décio de Almeida; GOMES, Paulo Emílio Salles; ROSENFELD, Anatol. **A personagem de ficção**. São Paulo: 2º Ed. Perspectiva, 1970.
- DUARTE, Eduardo de Assis. Por um conceito de literatura afro-brasileira. **Literafro: o portal da literatura afro-brasileira**. [18/7/2023]. Disponível em: <https://www.lettras.ufmg.br/literafro/artigos/artigos-teorico-conceituais/148-eduardo-deassisduartepor-um-conceito-de-literatura-afro-brasileira>. Acesso em: 23 maio. 2025.
- DURÃO, Fabio Akcelrud. **Metodologia da pesquisa em literatura**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2020.
- EAGLETON, Terry. **Como ler literatura**. tradução Denise Bottmann. 1. ed. Porto Alegre, RS. 2017.
- FONSECA, Maria Nazareth Soares. **Literatura e oralidade africanas**: mediações. Revista Mulemba.
- MARTINS, Leda Maria. **Afrografias da memória**: o Reinado do Rosário no Jatobá. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: Mazza Edições, 1997.
- SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. **Encantamento**: sobre política de vida. Rio de Janeiro: Mórula, 2020.
- SODRÉ. Muniz. **O fascismo da cor**: uma radiografia do racismo nacional. Petrópolis, RJ: Vozes, 2023.

AGRADECIMENTOS

A Deus, acima de tudo, por ter me guiado até aqui, e por me dar força, e persistência necessárias para superar os desafios e alcançar este objetivo.

À minha Mãe, que saiu de casa aos 10 anos de idade para enfrentar o mundo sozinha, o meu eterno agradecimento e amor, por ser o maior exemplo de força, dedicação e coragem. Obrigada por todo o amor, carinho e incentivo, pelos anos dedicados à minha educação e pelos gestos de carinho e conforto nas horas difíceis. A sua dedicação solitária e incansável, para sempre me dar o melhor, e me proporcionar a chance de chegar a este momento, por cada renúncia, e por cada momento difícil que passamos juntas. A sua trajetória e luta, como trabalhadora doméstica, enfrentando as dificuldades e o sofrimento, me inspiraram a escrever sobre este tema. Com todo o meu amor e admiração por me guiar e me inspirar a ser quem eu sou. Esta conquista é nossa.

Ao meu padrasto, que me acolheu, obrigada por todo seu apoio durante esta jornada, e por ter me acolhido desde o primeiro momento e por me considerar de coração como filha.

Aos meus tios e prima, agradeço de coração por todos os conselhos e palavras de conforto, e por sempre acreditarem no meu potencial. Por estarem sempre presentes celebrando minhas vitórias.

Às amigas, que fiz durante este percurso, e que tornaram esta jornada mais leve, memorável e divertida. Agradeço por todos os momentos e todas as risadas. Irei levar vocês para a vida toda.

À minha professora e orientadora, Annie Figueiredo, a quem confesso que no início da graduação sentia medo. No entanto, me inspirou a escolher a área da Literatura na qual pretendo continuar pesquisando. Agradeço por todo o apoio e cuidado e pelas orientações essenciais para que este trabalho fosse possível.

Por fim, agradeço a mim mesma, por ter encontrado coragem necessária para superar cada etapa desta longa jornada, que está apenas começando.